

Epifania e Reconhecimento nas Tradições do Novo Testamento: Uma Análise Histórico-Crítica de 1 Coríntios 15 e Lucas 24:16

C. A. Costa

A análise histórica das tradições sobre as manifestações de Jesus após sua morte exige distinguir cuidadosamente entre diferentes camadas textuais preservadas no Novo Testamento. Entre os testemunhos mais antigos encontra-se a tradição transmitida por Paulo em **1 Coríntios 15:3-8**, geralmente considerada pela pesquisa histórica uma das formulações mais antigas sobre a experiência dos primeiros seguidores de Jesus após sua morte. Em contraste, os evangelhos apresentam narrativas mais desenvolvidas e literariamente estruturadas, como o episódio dos discípulos de Emaús em **Lucas 24**. A comparação entre esses dois textos permite observar como tradições mais antigas, transmitidas em fórmulas breves, foram posteriormente incorporadas a narrativas teológicas mais amplas. A análise histórico-crítica procura compreender esse processo levando em conta o vocabulário grego utilizado, os gêneros literários envolvidos e o desenvolvimento das tradições nas primeiras comunidades cristãs.¹

Em **1 Coríntios 15:3-8**, Paulo afirma ter transmitido aos coríntios uma tradição que ele próprio recebeu, segundo a qual Cristo “apareceu” a diversas testemunhas: Cefas, os Doze, mais de quinhentos irmãos, Tiago, todos os apóstolos e, por fim, o próprio Paulo. O verbo grego utilizado é ὤφθη (*ōphthē*), forma do verbo *horaō* (“ver”), cujo significado literal é “foi visto” ou “manifestou-se”. Esse termo possui relevância particular porque aparece com frequência na **Septuaginta** para descrever manifestações divinas ou angelicais diante de seres humanos.² Esse uso sugere que o vocabulário empregado por Paulo pertence ao campo semântico das **epifanias religiosas**, linguagem já conhecida no judaísmo do período helenístico. Um detalhe importante é que Paulo inclui a sua própria experiência na mesma sequência das demais manifestações, indicando que, para ele, todas pertencem à mesma categoria de experiência religiosa. O texto não

apresenta narrativas detalhadas, mas uma fórmula tradicional que provavelmente circulava oralmente nas primeiras comunidades cristãs.³

A situação literária encontrada em **Lucas 24:16** é diferente. Na narrativa do encontro com os discípulos de Emaús, o evangelista afirma explicitamente que “os olhos deles estavam impedidos de o reconhecer”. O texto grego utiliza a expressão *ἐκρατοῦντο οἱ ὀφθαλμοὶ αὐτῶν*, na qual o verbo *krateō* pode significar segurar, reter ou impedir. A formulação indica que o não reconhecimento faz parte da própria lógica narrativa do episódio. Ao longo da história, Jesus caminha com os discípulos, interpreta as Escrituras e somente depois é reconhecido no momento em que parte o pão diante deles (Lc 24:30-31). Muitos estudiosos observam que essa estrutura segue um padrão narrativo conhecido na literatura antiga, no qual a identidade de um personagem é revelada apenas após um gesto significativo ou um momento decisivo da narrativa.⁴ O reconhecimento de Jesus ocorre não imediatamente pela aparência física, mas dentro de um processo de revelação associado à interpretação das Escrituras e à experiência da refeição compartilhada.

A comparação entre esses dois textos revela duas formas distintas de expressão dentro das tradições cristãs do primeiro século. Em **1 Coríntios 15**, encontramos uma formulação breve que utiliza o vocabulário tradicional das manifestações divinas para descrever experiências atribuídas a diversas testemunhas. Já em **Lucas 24**, a tradição aparece inserida em uma narrativa teológica cuidadosamente construída, na qual o reconhecimento de Jesus acontece progressivamente. A análise histórico-crítica sugere que tais diferenças refletem estágios distintos no desenvolvimento literário dessas tradições. As formulações mais antigas parecem preservar registros concisos de experiências interpretadas religiosamente pelas primeiras comunidades, enquanto os evangelhos posteriores elaboram essas tradições em narrativas destinadas a comunicar o significado dessas experiências para a vida comunitária e para a compreensão teológica de seus leitores.⁵

Notas

¹ Raymond E. Brown apresenta em sua obra, *An Introduction to the New Testament*, uma das introduções acadêmicas mais influentes ao Novo Testamento no campo da pesquisa histórico-crítica. O autor analisa a formação, o contexto histórico e as características literárias de cada escrito neotestamentário. Sua abordagem destaca o desenvolvimento das tradições nas primeiras comunidades cristãs e o processo de composição dos textos. O livro tornou-se referência fundamental nos estudos bíblicos contemporâneos.

² Em sua obra lexicográfica *Theological Lexicon of the New Testament*, Ceslas Spicq examina o vocabulário teológico do Novo Testamento à luz do grego helenístico e da tradição da Septuaginta. O autor demonstra como certos termos gregos carregam significados moldados pelo contexto religioso judaico e pelo uso literário antigo. Entre esses casos está o verbo **ὁράω** e suas formas, frequentemente associado a manifestações ou revelações divinas. O léxico tornou-se uma referência importante para estudos filológicos e semânticos do grego bíblico.

³ Em *Jesus Remembered*, James D. G. Dunn investiga a formação das tradições sobre Jesus dentro do processo de transmissão da memória nas primeiras comunidades cristãs. O autor argumenta que muitos materiais preservados no Novo Testamento refletem tradições anteriores que circularam oralmente antes de serem fixadas por escrito. Dunn dedica atenção especial às fórmulas confessionais e às tradições resumidas presentes nas cartas paulinas. Seu estudo tornou-se referência importante na chamada abordagem da “**memória social**” aplicada ao Jesus histórico.

⁴ Em seu comentário do Evangelho de Lucas (*The Gospel of Luke*), Joel B. Green analisa a estrutura narrativa e os temas teológicos característicos da obra lucana. O autor mostra como diversos episódios do evangelho são construídos por meio de recursos literários que conduzem o leitor a momentos de revelação e reconhecimento progressivo. No relato dos discípulos de Emaús, Green destaca que o reconhecimento de Jesus ocorre apenas após a interpretação das Escrituras e o gesto de partir o pão. O comentário tornou-se uma referência importante para o estudo narrativo do terceiro evangelho.

⁵ Em sua obra *The Resurrection of the Son of God*, trabalho de extensa investigação histórica, N. T. Wright examina as concepções de ressurreição no judaísmo do Segundo Templo, no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. O autor analisa criticamente as tradições do Novo Testamento relacionadas às experiências que os primeiros discípulos interpretaram como manifestações do Cristo ressuscitado. Wright procura situar esses relatos dentro do contexto

intelectual e religioso do século I. Independentemente da posição final de Wright sobre o tema, a obra tornou-se uma das contribuições mais amplas ao debate contemporâneo sobre a ressurreição nos estudos do cristianismo primitivo.

Referências Bibliográficas

BROWN, Raymond E. *An Introduction to the New Testament*. New York: Doubleday, 1997.

DUNN, James D. G. *Jesus Remembered*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

SPICQ, Ceslas. *Theological Lexicon of the New Testament*. Peabody: Hendrickson, 1994.

WRIGHT, N. T. *The Resurrection of the Son of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.